

AUTOGEOGRAFIA (Self-geography)

Tiago Vieira Cavalcante

Mestre em Geografia (UFC) e Professor da Faculdade Ateneu
Av. Coletor Antônio Gadelha, 621 – Messejana
CEP: 60160-230 – Fortaleza(CE) - Brasil.
Tel: (+55 85) 3474 5151
tiagogeografia@yahoo.com.br

118

Convido a todos a compreenderem do que se trata a autogeografia. Para isso primeiro falemos da afamada autobiografia, sua contraposição necessária.

Como história de vida, a autobiografia tem o papel de, em sua pretensa humildade, impressionar. Atos heroicos, pensamentos notáveis e feitos inesquecíveis dão o tom melodioso, estrondoso e, ao mesmo tempo, desastroso, de suas histórias. Histórias descritas em singelas linhas tecidas sobre as memórias que escapolem livres no ar. As lembranças são seu alimento. Lembranças de tempos, inventos e eventos passados, calcados nas peripécias por vezes planejadas, contudo, na maioria do tempo, impensadas por aqueles que adoram as gabar. De linearidade ímpar, as autobiografias dialogam com o tempo vivido. Os espaços em tais ilustres escritos são, muitas vezes, meros coadjuvantes. O tempo vivido, como indicara o filósofo Otto Bollnow, há tempos tem sido mais bem ponderado do que estes mosaicos recheados, também, de histórias para contar: espaços a se desdobrarem em lugares de vida.

"Vista à distância, em suas relações com o homem, a geografia não é mais do que a história no espaço, do mesmo modo que a história é a geografia no tempo". Tal frase, de Elisée Reclus, apesar de sua simplicidade, impele-nos a pensar na importância da autogeografia.

Tal grafia, a autogeografia, remete-nos às experiências íntimas dos lugares da vida, espaços vividos, ou como preferira Gaston Bachelard, às imagens do espaço feliz, propondo em suas investigações o descortinamento dos espaços amados. Para Bollnow, mera parcialidade de Bachelard. Para Bollnow, Bachelard deixou de tratar dos espaços contrários aos espaços da felicidade, dos espaços amados, os quais seriam: os espaços do temor, da opressão, do terror, da falta de compaixão. Espaços, também estes, passíveis de fazerem parte de nossa autogeografia.

O acinzentado banco da praça, o pequeno, porém alto terraço, o velho pé de manga rosa, a antiga quadra de esportes, a barraca da caranguejada, a sala de aula mofada, o quarto repleto de infiltrações, o bar das cervejadas. Lugares do beijo, da festa, da brincadeira, da briga, da descontração, da humilhação, da angústia, da alegria na gargalhada. Espaços profundamente vivenciados... Na memória, no cotidiano e no devir, porque, na autogeografia temos a seguinte permissão: podemos rememorar os bons e maus momentos vividos nestes espaços, assim como cotidianamente deles nos embebedarmos, havendo sempre a possibilidade, ainda assim, de nos afogarmos no devaneio do futuro sonhado, o vir a ser e, além disso, especialmente, o vir a estar. A autogeografia, diferentemente da autobiografia, em sua escrita permite-nos passear pelo presente, passado e futuro.

Nesse aspecto, a contraposição necessária, maneira como podemos caracterizar a autobiografia, é uma importante complementação. A geógrafa Doreen Massey é clara ao explicitar a necessária vinculação do espaço ao tempo. Elementos da/na vida a serem trabalhados, pensados, sonhados conjuntamente. Sem reificações reducionistas, vivemos

o espaço e o tempo concomitantemente no ato, na fala, na imaginação, na sua mão e contramão.

Complementemos, portanto, as autobiografias, tão ricas em histórias extraordinárias... Sendo assim, convido a todos, estando com o lápis na mão, a vasculhar a cara memória, estimular os estimados sonhos e, com vigorosa imaginação, começar a elaborar sua autogeografia. Descrição graciosa das vivências nos espaços do ódio e da paixão.